



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA IMPRENSA MAÇÔNICA

Av Jequitibá, 685, Ed Bahamas Center, Sala 425 – Águas Claras DF – CEP 71929-540

Presidente: Antônio do Carmo Ferreira – E-Mail: domcarmo@yahoo.com.br Cel 61 982768998

INFORMABIM-653

31 DE AGOSTO DE 2026

19 de agosto: Dia do Historiador. Homenagem a Joaquim Nabuco.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Nascido em 19 de agosto de 1849. Era pernambucano do canavial. Advogado, político, jornalista, historiador, diplomata, imortal. Concluiu seu curso de Direito na Faculdade de Direito do Recife. Foi deputado federal no ciclo da abolição da escravidão que a defendeu. Escreveu os livros O Abolicionismo, Um Estadista do Império e Minha Formação. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Embaixador do Brasil em Londres e nos Estados Unidos. Maçom, inicia-



do na Loja América em 1868. Essa Loja era um centro de combate à escravidão. Rui Barbosa, iniciado após Joaquim Nabuco, fazia parte de seu quadro. Quando se estabeleceu no Brasil o Dia do Historiador (Lei nº 12130/2009), prestou-se homenagem a Joaquim Nabuco, distinguindo o dia 19 de agosto do seu nascimento. Nabuco faleceu em Washington em 17.01.1910, encontrando-se no cargo de Embaixador. Seu corpo veio para o Rio de Janeiro e depois para o Recife. Pernambuco levantou-lhe uma estátua numa praça com o seu nome em 1915.

O JORNALISTA

HIPÓLITO DA COSTA



Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Nasceu na Colônia do Sacramento (Uruguai) em 13.08.1774, e faleceu em Londres em 11.09.1823. Bacharelou-se em Direito e Filosofia, em 1798, pela Universidade de Coimbra. Em 02.03.1799, foi iniciado maçom na Loja Washington 59 de Filadélfia, (EUA). Esteve preso, em Lisboa, de 1802 a 1805 perseguido pela Inquisição por pertencer à maçonaria. Conseguiu fugir para Londres, onde se filiou à Loja Antiquity (1808). **Neste mesmo ano, fundou o Correio Brasileiro que editou até 1822**, sendo o primeiro órgão da imprensa brasileira, embora publicado no exterior. Por esse intermédio, Hipólito da Costa exerceu “seu apostolado em favor da independência do Brasil”, consagrando-se “**patrono da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira**”.



Senado Federal. Homenagem ao Dia do Maçom. Sessão especial de 28.08.2026. O representante da COMAB faz pronunciamento de brilhante repercussão nacional.

Sexta-feira, 28 de agosto, o Senado Federal realizou Sessão Especial em homenagem ao Dia Nacional do Maçom, à qual compareceu uma grande platéia composta das mais altas autoridades da maçonaria regular brasileira, integrada pelo Grande Oriente do Brasil (GOB), Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) e da Confederação Maçônica do Brasil, além de autoridades públicas e líderes nacionais. A COMAB esteve representada por seu Secretário-Geral, o mui

Ilustre **Irmão Cassiano Lhopes Moreno** que empolgou com o seu pronunciamento – “uma reflexão profunda sobre o papel social, ético e institucional da Ordem no País, apresentando diretrizes claras para a atuação da Maçonaria Regular na contemporaneidade”.

INICIAÇÃO – Passagem para a mudança

Irm Pedro JUK

Antes de qualquer consideração é preciso comentar que o ato iniciático – a Iniciação – não é propriedade exclusiva da Maçonaria, muito menos por ela inventada. Levando-se em conta que a maçonaria possui documentalmente aproximadamente 750 anos de história, o costume de se utilizar de formas teatrais simbólicas para determinarem uma passagem, uma transformação, um novo conhecimento, etc., antecede de há muito a história da Ordem Maçônica.

Por essa razão, até o presente momento procurou-se não fazer qualquer alusão a esta ou àquela sociedade ou civilização, no sentido de se evitar qualquer elo entre a Maçonaria e as antigas civilizações que pudesse confundi-la como existente em tempos imemoriais, salvo a influência nela processada pela própria observação das manifestações do pensamento humano para construção da sua estrutura doutrinária (ecletismo).

Considerando o desiderato deste escrito, convém esclarecer que pelo sentido eclético há a influência de outras culturas nos propósitos da Ordem. É de bom alvitre o estudante conhecer através de um trabalho paralelo de pesquisa, pelo menos um pouco das mensagens contidas nas manifestações do pensamento das civilizações. Culturas como a dos Hebreus, da Babilônia, dos Medas e dos Persas, dos Hititas, dos Fenícios, do Antigo Egito, da Grécia e outras tantas não menos importantes, influenciaram o arcabouço da Moderna Maçonaria, porém apenas influenciaram. Não há como negar a legitimidade de fatos e práticas históricas inseridas na Iniciação Maçônica.

Neste sentido, a Maçonaria é uma comunhão de pensamentos, não podendo ser considerada ou comparada a uma religião. O fito da Iniciação Maçônica é sobretudo de ordem transformatória. Citações bíblicas por exemplo nela contida, têm entre os maçons apenas o sentido simbólico de aplicação no movimento da moral, pois embora sendo a Iniciação um ato emblemático, o seu caráter apela para a transformação abstrata pelo aperfeiçoamento do espírito, todavia, não deixa também de ser realista, principalmente quando lembra das lutas do homem em busca do aprimoramento social.

De forma geral, a transformação e construção proposta pela Moderna Maçonaria abrangem toda a escalada iniciática através dos Graus simbólicos, consubstanciados por Símbolos e alegorias, cujo conteúdo dita profundas lições de moral que, se bem aplicadas e entendidas, norteiam a constante renovação – ***morrer para renascer***. Este conceito baseado na imortalidade da alma e no aprimoramento do espírito determina que as boas obras sejam imortais permanecendo elas para sempre na mente dos pósteros – *“a semente que cair no chão e não morrer estará fadada ao esquecimento porém, a que cair e morrer, seguramente produzirá bons frutos”*.

Continua na página 03 desta edição.

A mais importante alegoria é a da constante renovação da Natureza produzida pelas quatro estações do ano, cujas etapas são marcadas pelos equinócios e solstícios, estando intimamente ligada à escalada iniciática na Maçonaria Simbólica. As quatro etapas da vida humana – infância, adolescência, juventude e maturidade (primavera, verão, outono e inverno) estão, particularmente no Rito Escocês Antigo e Aceito, relacionadas à exegese das doze colunas zodiacais e o movimento aparente do Sol. Sem dúvida é uma das mais belas alegorias relacionadas à transformação e o aprimoramento.

De forma geral, a constante renovação da natureza é aplicada como base moral referendada pelo ecletismo maçônico. Extraída dos cultos solares da Antiguidade – Mitraísmo Persa – o nascimento do sol invicto “*Natalis Invicti Solis*”, indica a volta do sol (solstício de 27 dezembro no hemisfério norte) e a renovação da Natureza. É oportuno aqui salientar que o cristianismo se fez valer dessa máxima, reportando-se ao nascimento de “Jesus Cristo” (Natal – nascimento) tomado sob o ponto de vista religioso como a “Luz do Mundo”. Em Maçonaria, a ideia de renovação está intimamente ligada à transformação – “*Igne Natura Renovatur Integra*” – o Fogo Renova a Natureza Inteira.

No intuito de se evitar especulações temerárias, esclareça-se que essa é uma alegoria simbólica e tem por escopo apenas a comparação como método de instigar a transformação, pois cientificamente é sabido que esse movimento aparente é dado pelo movimento da terra inclinada em torno do sol – movimento de translação e as quatro estações do ano.

A Iniciação é o caminho para a transformação e a Moderna Maçonaria oferece inúmeros subsídios para esse entendimento, porém o exercício do estudo, da meditação e do questionamento lógico e racional, despido do mito, do dogma e da superstição é imprescindível para o alcance desse objetivo.

Nota do Editor:



Irm Pedro JUK é Grande Secretário Geral de Orientação Ritualística do Grande Oriente do Brasil.

Escritor, conferencista e professor. Compartilha seu conhecimento, atendendo a consultas sobre maçonaria oriundas de todos os recantos do Brasil. Somos-lhe devedores por esses gestos com que sua bondade nos contempla e mais enriquecem a cultura maçônica brasileira.

Tomamos a liberdade de sugerir a leitura de seu livro “Exegese Simbólica para o Aprendiz Maçom”, Editora Maçônica A Trolha Ltda, Belo Horizonte, MG.

Email: jukirm@hotmail.com

O Grande Oriente Maçônico do Distrito Federal GOMDF comemora o 5º aniversário de sua fundação

Dia 20 de agosto de 2021, durante sessão magna realizada na sede da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal, foi instalado o Grande Oriente Maçônico do Distrito Federal filiado à COMAB. No sólio, os Grão-Mestres Cristian Flores (CMI), Múcio Bonifácio (GOB), Armando Assumpção (GLMDF), Antônio do Carmo Ferreira (GOMDF) e Paulo Orrutia (COMAB). Leu a Ata de fundação do GOMDF o Irm Rubens Franz, Secretário Geral da COMAB. O Sereníssimo Irm Guilherme de Queiroz Ribeiro, Grão-Mestre do GOIPE, apresentou a Carta Constitutiva da nova Potência Maçônica, emitida pelo Grande Oriente de Minas Gerais. E o Irm Cassiano Moraes, Grão Mestre de Honra da GLMDF, leu o Termo de Compromisso, com validade por cinco anos, assinado pelos Grão-Mestres Armando Assumpção, Antônio do Carmo Ferreira e Múcio Bonifácio.

Dia 20 de agosto de 2026. Durante Assembleia, a Grande Loja Maçônica do Distrito Federal assinou Tratado de Mútuo Reconhecimento e compartilhamento territorial com o GOMDF, sendo Grão-Mestre da GLMDF o Sereníssimo Irm Cassiano Moraes e , do GOMDF, o Sereníssimo Irm José Sales Neto. Brilhante comemoração de 5º aniversário da fecunda e definitiva existência da COMAB no Distrito Federal.



ROMÃS DA FRATERNIDADE

Ir Antônio do Carmo Ferreira

Exegetas como Aslan (1), Castellani, Varoli e outros desse mesmo gabarito dão posição de destaque à simbologia da romã em seus estudos de maçonaria. Em se analisando o assunto, vê-se a procedência da colocação assumida por esses estudiosos.

A romã tornou-se minha conhecida, quando eu já estava na juventude, num tempo de ouro. Não sei bem a razão por que na infância sequer ouvi falar a seu respeito. A mim me parece é que os pomares que abasteciam a região em que fui criado, não eram povoados de romãzeiras.

Já na segunda parte dos estudos de minha formação em Seminário, é que me familiarizei com a romã. Primeiro, lendo o “Cântico dos Cânticos”, poema de Salomão e integrante do Velho Testamento. Ali, o esposo apaixonado, cantando as belezas de sua amada, diz que a “sua face é como um pedaço de romã” (2) E auspicia para os filhos do casal – frutos do amor – características que atribui à esposa: “teus rebentos serão como um bosque de romãs com frutos encantadores”(3).

Essas primícias da romã também são exaltadas pela esposa nas respostas que dá às declarações carinhosas de seu amado, ao lhe dizer que “pela manhã, iremos para ver se as romãzeiras estão em flor e ali te darei as minhas carícias [...] dar-te-ei a beber vinho perfumado, licor de minhas romãs [...]”(4). Lindas metáforas, heim! Motes de um poema relacionados com a beleza de uma família que nascia e, sob o pálio de tanta harmonia, dava fortes sinais de exuberante crescimento.

Depois fiz outras leituras da romã ainda no Seminário, em contato com os livros de “II Crônicas” e “I Reis”, no Velho Testamento, quando elas aparecem nas malhas que envolvem o capitel das colunas que indicam o acesso ao Templo de Jerusalém, edificado durante o reinado de Salomão. Na descrição das duas colunas, encontramos, em cada uma, referência a 200 romãs, e sua utilização demonstra significado místico naquela ornamentação.

O I Livro de Reis que trata do reinado de Salomão, quando chega à construção do Templo de Jerusalém, faz uma belíssima narração das obras de bronze, que transcrevo:

*“O rei Salomão mandou vir de Tiro um homem que trabalhava em bronze, Hirão, filho de uma viúva da tribo de Neftali, cujo pai era de Tiro. Hirão era um talentoso, cheio de inteligência e habilidade para fazer toda a espécie de trabalho em bronze. Apresentou-se ao rei Salomão e executou todos os seus trabalhos. Fez duas colunas de bronze: a primeira tinha dezoito côvados de altura; a sua periferia media-se com um fio de doze côvados. Tinham quatro dedos de espessura e eram ocas. A segunda coluna era semelhante a esta. Fundiu dois capitéis para os pôr no alto das colunas; um capitel tinha cinco côvados de altura, e o outro igualmente; e eram ornadas de redes de malhas e grinaldas em forma de cadeias; havia sete grinaldas para cada capitel. **Dispôs em círculo ao redor de cada uma das malhas duas fileiras de romãs**, para ornar cada um dos capitéis que cobriam as colunas. Os capitéis que sobremontavam as colunas no pórtico, tinham a forma de lírios, com quatro côvados de altura. Os capitéis colocados sobre as duas colunas elevavam-se acima da parte mais grossa da coluna, além da rede; **em volta dos capitéis, havia duzentas romãs dispostas em círculo**. Hirão levantou as colunas do pórtico do templo: a coluna direita, que chamou Jaquim, e a esquerda, que chamou Boaz. E assim foi acabada a obra das colunas”.(5) O Livro das Crônicas ou Paralipômenos também se refere ao mesmo relato.(6)*

O profeta Jeremias, numa de suas antevisões, lamenta, com muita tristeza, uma cena de destruição daquela beleza arquitetônica que viria a ser, como foi, o Templo de Jerusalém. Descreve, com precisão, o roubo do bronze, muito bronze mesmo, de que eram construídas as colunas e outras partes do Templo. E aí ele fala das “romãs”. Nada naquele Templo foi colocado por acaso, nem para preencher espaço. Cada peça foi planejada para seu lugar determinado, e, como se percebe de leitura das Sagradas Escrituras, em cada uma havia uma mensagem de misticismo. O Templo era a casa de Deus e as “romãs” estavam lá. (Ler Jeremias 52, 22).

Continua na página 06 desta edição.

Todavia a romã mesma “ao vivo e em cores” só vim a conhecer, quando já estava adulto e no mundo dos negócios, oportunidade em que um cliente da agência de desenvolvimento da qual era funcionário, solicitou que eu abrisse uma romã que me apresentara, e retirasse dela três sementes, guardando-as na carteira de cédulas, “porque era a certeza de que, durante o ano, o dinheiro me seria farto”. Dizia ele: “costumes de meu inesquecível Portugal, repetido na primeira semana de janeiro de cada ano”. Fiquei surpreso ao abrir a romã. Não era uma maçã, como esperava que fosse, somente massa. A romã, ao contrário, era apenas sementes, harmoniosamente dispostas, irmanamente unidas, preenchendo aquele universo.

Ao visitar um Templo Maçônico, antes de ser iniciado na Arte Real, fui tomado pela surpresa de ver três romãs encimando aquelas colunas, entre as quais passei. Por que a preferência da romã para ornamento daquela arquitetura? E por que somente três? Perguntas que povoaram minha mente até que viessem os tempos de resposta.

A romã entra na maçonaria por intermédio das “colunas J e B” sobre as quais se encontram, sendo que “muito importantes vêm a ser os significados” (7), mesmo que não sejam tantas como na narração da Bíblia, quatrocentas ao todo, porém como sugere Varoli que “para o simbolismo maçônico bastam três romãs no capitel de cada coluna”(8).

Segundo a Ordem, a Loja que é um conjunto de maçons, podendo ser também o local onde os mesmos se reúnem, tem a dimensão da Terra. Enquanto “cada romã representa a Loja e sua universalidade. As sementes representam os maçons”.(9) A união, como essas sementes se encontram, quais irmãs, é o simbolismo de uma família unida e solidária que deve reinar no seio das Lojas. O simbolismo da Loja-Romã-Universo lembra que essa família unida e solidária deverá ser oferecida sempre como “o exemplo de fraternidade” a ser seguido não somente pelos maçons, senão também “por toda a humanidade” (10).

O mestre Varoli ainda chama a atenção dos maçons para o caráter representativo ou a “força” que advém desta “união” – estado em que se encontram as sementes. O exegeta maçônico se reporta ao “feixe de Esopo, fábula cuja moral é a de que podemos quebrar facilmente uma acha, mas não um feixe de lenha” (11).

O professor Castellani, PhD da maçonaria brasileira, oferece uma brilhante interpretação para o simbolismo das romãs, colocadas nas colunas do pórtico do Templo maçônico. A exegese daquele mestre está nas seguintes palavras que ao mesmo tempo pregam a harmonia entre os maçons e vergastam os que, por questões pessoais e subalternas, tentam inocular o vírus do desentendimento entre os irmãos e seus grêmios: “os grãos reunidos em grupo, que é separado de outros grupos por uma tênue película, mostram também, que embora divididos em Obediências e países, todos os Maçons fazem parte do mesmo Corpo, simbolizado pela romã inteira”(12).

Retornando aos estudos do mestre Varoli, encontramos mais esta interpretação que tem tudo a ver com o esforço que o maçom deve desenvolver, no sentido de que a **família maçônica não pare de crescer**, porque a meta é dar-lhe a dimensão da humanidade. O evangelho, segundo Mateus, toca neste assunto, quando ele diz: “a messe é grande, mas os operários ainda são poucos” (13), quer dizer, com esse AINDA, que teremos de nos esforçar para que a nossa família cresça, a fim de que aos muitos possamos honrar o compromisso da Ordem de “tornar feliz a humanidade”.

O entendimento de Varoli é que “como as romãs contêm um grande número de sementes, devem sugerir ao maçom fertilidade e abundância, no sentido de disseminar a maçonaria em todo o mundo”.(14).

As romãs estão ali sobre as colunas, três em cada uma. Do lado esquerdo e do lado direito da porta de acesso ao Templo, que ultrapassamos todas as vezes que vamos às reuniões. Vemo-las antes de adentrar o Templo. Então recorramos a esse tempo de espera, para fazer breve reflexão a respeito do seu significado, porque foi para isso que elas foram colocadas naquele local. A harmonia, o espírito de união, a paz, o desejo de trabalhar pela Ordem e o compromisso de fazer desta o instrumento de amor (anagrama de romã) ao próximo.

Não se deve ir ao Templo para ser expectador. Isto, nunca. Maçom deverá ser sinônimo de ator, de líder, de condutor. Maçom não está na platéia. Seu destino é o palco. Maçom é um construtor. Então refletir sobre o simbolismo das romãs é começar o cumprimento destes deveres.

Continua na página 07 desta edição.

Continuação da página 06 desta edição

Recursos bibliográficos:

- 01) Nicola Aslan, em Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbolismo, Vol IV, pág 1001. Editora A Trolha, Londrina/PR.
- 02) Cântico 4, 3
- 03) Cântico 4, 13
- 04) Cântico 7, 13 e 8,2
- 05) I Reis 7, 13-21
- 06) II Crônicas 3,17 e 4,12-13
- 07) Theobaldo Varoli Filho, em Curso de Maçonaria Simbólica, I Tomo, pág 263, Editora A Gazeta Maçônica, São Paulo
- 08) Idem, idem
- 09) Idem, idem
- 10) Idem, idem
- 11) Idem, idem
- 12) José Castellani, em Dicionário Etimológico Maçônico, Vol PQRS pág 87, Editora A Trolha, Londrina/PR
- 13) Mateus 9,37
- 14) Theobaldo Varoli Filho, obra citada, idem.

Antônio do Carmo escreveu:

